

O PENSAMENTO FILOSÓFICO DE AUGUSTO SARAIVA *

Antes de acompanharmos o essencial do ideário filosófico e político de Augusto Saraiva importa destacar que a reflexão filosófica portuguesa na passada década de quarenta do século anterior evidenciou uma preocupação acentuada por temas existenciais, jurídicos e políticos que talvez se explique pelas circunstâncias históricas em que a Europa vivia, primeiro marcada pela mais cruel guerra de sempre, depois animada pela reconstrução ao ritmo dos ideais que constituem os alicerces da dignidade humana. Assim se compreenderá que a afirmação especulativa de alguns pensadores privilegie problemáticas antropológicas e neste âmbito se destaque o aprofundamento do pensamento de índole política, ao qual, neste período e em Portugal, singularmente se dedicaram, entre outros e na esteira de Raúl Proença, António Sérgio e Cabral de Moncada e, também, Augusto Saraiva.

Preocupado em contribuir para uma reforma da mentalidade encontramos em Saraiva uma reflexão breve, paradigmática e de acentuada riqueza conceptual acerca da necessária intercorrelação entre pensamento e acção, particularmente acção política, mas onde avulta uma especial atenção a questões em torno da Justiça e da Democracia, temas incontornáveis do seu tempo tal como da nossa actualidade.

Augusto Saraiva, nascido no início do século XX e falecido em 1975, ficou conhecido mais pela sua obra didáctica, composta pelos compêndios liceais de Filosofia e Psicologia que nos legou nos anos sessenta, do que pelo seu único livro de índole especulativa apresentado em 1946, intitulado *Reflexões sobre o Homem* e do qual veio a lume apenas o primeiro volume. Nesta obra, o nosso Autor antes de equacionar as suas interrogações em torno da política, debruça-se sobre problemática gnosiológica, aliás, em considerável sintonia com as tendências da chamada “escola portuense” cuja raiz manifestamente se nutria da admirável expressão teorizadora de Leonardo Coimbra, antigo professor de Saraiva, personalidade ímpar que motivou um interessante testemunho, depoimento de grata homenagem de atento discípulo¹. Além

* Comunicação apresentada ao Congresso Internacional “Pensadores Portuenses Contemporâneos (1850-1950)”, Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2001.

¹ SARAIVA, Augusto, “Alguns aspectos da personalidade de Leonardo Coimbra” in Vários, *Leonardo Coimbra – Testemunhos de seus contemporâneos*, Porto, Liv. Tavares Martins, 1950, pp. 37-45.

daquelas obras, apenas são conhecidos dois ensaios, publicado um na revista 'Litoral', em 1944, intitulado "Reflexões", onde já se exprime em ritmo aforístico e outro intitulado "Breve reflexão sobre a necessidade actual do diálogo entre a Filosofia e a Ciência", vindo a público em 1965 na revista "O Tempo e o Modo". De acordo com José Marinho² não podemos deixar de lamentar que a sua principal obra, não se tivesse prolongado em outros volumes, pois talvez se tal tivesse sucedido o seu pensar não estaria tão desconhecido no âmbito do pensamento contemporâneo português.

Se bem o interpretarmos, depara-se-nos uma trajectória que nos revela uma atitude filosófica de índole dialéctica já que o conhecimento visando tornar a realidade inteligível pressupõe uma relação entre a experiência e a racionalidade, em que, como Saraiva escreveu "(...) razão e experiência se integram e mutuamente se acrescentam"³, num processo criador que ele designa de "razão experimental"⁴ que recorda o método proposto por Leonardo Coimbra a que corresponderá, como afirma António Braz Teixeira, "uma atitude filosófica ideo-realista"⁵. O ser humano mediante a sua atitude cognoscitiva tem consciência dos seus limites insuperáveis e que irremediavelmente lhe impossibilitam o conhecimento da Verdade, verdade que "(...) se situa no Absoluto – e aparece ao homem como um limite, um puro possível"⁶ e assim "(...) toda a verdade parece ser condenada a ser 'verdade humana'⁷, donde resultará a marca de relativismo e agnosticismo de que se reveste o seu pensamento. Na realidade, a razão humana não oferece soluções definitivas, todavia, perante tal impotência, Saraiva não se perfila demissionário visto que preconiza uma espécie de acordo entre razão e experiência, mediante o qual considera possível "construir a inteligibilidade"⁸ resultante, como escreveu, de uma "obra de cooperação fraterna e larga, de perseguição humilde e cautelosa – jamais de estreito dogmatismo"⁹, não obstante todo este esforço implicitamente conduzir a um relativismo já que tudo fica "dependendo"¹⁰ do ser humano que, aliás, obviamente aparece também como o criador dos valores¹¹, originando-se igualmente um subjectivismo axiológico que, em decisiva análise, deixa sempre por resolver o problema moral, dado que não possibilita uma distinção objectiva entre o Bem e o Mal. Contudo, Augusto Saraiva sublinha que a sua perspectiva

² MARINHO, José, *Verdade, condição e destino no pensamento português contemporâneo*, Porto, Lello & Irmão, 1976, p.215.

³ SARAIVA, Augusto, *Reflexões sobre o Homem*, Porto, Edit. Educação Nacional, 1946, vol. I, p.28.

⁴ Idem, *ibidem*.

⁵ BRAZ TEIXEIRA, António, "Augusto Saraiva" in *LOGOS – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, Porto, Lello & Irmão, 1976, p.215.

⁶ SARAIVA, Augusto, *op.cit.*, p.29.

⁷ Idem, *ibidem*, p.26.

⁸ Id., *ibid.*, p.30.

⁹ Id., *ibid.*, p.31.

¹⁰ Id., *ibid.*, p.80.

¹¹ Id., *ibid.*, p.102ss.

idealista entende a realidade como um devir, o que o coloca na linha da filosofia hegeliana, tendo escrito que a “evolução é, entre tudo o que se nos depara, facto incontestável e primordial”¹² para adiante sublinhar a ideia de progresso entrevista como evolução criadora e libertadora visto que nos afirmou que “O progresso da Inteligência chama-se Sabedoria. O progresso da Vontade chama-se Autonomia A seu turno a sensibilidade exalça-se, na medida em que logra erguer-se ao convívio da Vontade e da Inteligência. A dialéctica da Sensibilidade, da Inteligência e da Vontade tem por limite – a Pessoa. O conceito de pessoa postula pois, de toda a evidência, progresso moral interminável”¹³. Esta se nos afigura uma decisiva reflexão, dado que aqui radica a sua defesa da Democracia, manifesta tradução política do seu ideo-realismo e que importa analisar em seguida. À partida, a política é, como escreveu, “a ciência do possível”¹⁴ e a ética é “a ciência do ideal”¹⁵, oscilando entre o ser e o dever ser e nesta ordem de ideias interroga-se – “será necessário acrescentar que a Democracia é o protótipo do ideo-realismo político?”¹⁶. Com efeito, a política surge-lhe como “realista no método, idealista no objecto”¹⁷, condicionando-se reciprocamente, coordenando meios para atingir fins e, assim, a Democracia é perspectivada como a síntese, “o esforço vigilante para interpretar o real (...) e ir ao encontro do homem”¹⁸. Nesta linha de pensar, para Augusto Saraiva a política não se reduz a uma simples técnica de direcção e governo da sociedade, porquanto como actividade ao serviço do homem “(...) não poderá dissociar-se de uma filosofia da existência, de uma concepção do homem no Universo”¹⁹; em consequência, o sufrágio é apresentado como a base essencial de toda a experiência política, não só porque somente através dele é possível escolher, aprovar ou repudiar, mas porque é o meio incontornável para a emancipação intelectual e moral do homem, a expressão adequada para que “o homem seja ou venha a ser tomado indiscriminadamente como um fim de que o Estado é meio”²⁰. Dir-se-á que o sufrágio salva a liberdade no âmbito da política e por consequência representa “a única alternativa possível de defesa dos fracos e oprimidos contra os fortes e opressores”²¹, assegurando assim a plena expressão da cidadania. Repare-se que só subestimam o alcance e a força do sufrágio todos os que não compreendem, ou melhor, não querem compreender, o sentido da Equidade e da Justiça²², ou seja, os autoritários e

¹² Id., *ibid.*, p.75.

¹³ Id., *ibid.*, pp119-120.

¹⁴ Id., *ibid.*, p.119.

¹⁵ Id., *ibid.*,

¹⁶ Id., *ibid.*, p.127.

¹⁷ Id., *ibid.*, p.136.

¹⁸ Id., *ibid.*, p. 134.

¹⁹ Id., *ibid.*, p.145.

²⁰ Id., *ibid.*, pp160-161.

²¹ Id., *ibid.*, p.176.

²² Cfr. Id., *ibid.*, pp181-185.

os dogmáticos para quem o sentimento de responsabilidade nada significa ante o egoísmo que desejam perpetuar.

A reflexão de Augusto Saraiva assume uma forma aforística – aliás, curiosamente presente em outros pensadores da sua época, como, por exemplo, José Marinho, Sant’Anna Dionísio, do qual relembro os *Cepticismos*, o *Pensamento Invertebrado* e o admirável *Rio de Heraclito*, bem como outros pensadores como José Bacelar ou Agostinho da Silva. Não estamos perante um pensamento discursivo como seria desejável, na medida em que a riqueza conceptual nem sempre se adequa à brevidade da forma, porém, não obstante essa via de comunicação, o seu filosofar conciso oferece-nos uma brilhante síntese acerca do valor da Democracia, significativamente defendida, não o esqueçamos, num tempo português amordaçado como foram os anos quarenta do passado século. Tal facto seria suficiente para agora evocar o seu pensamento, todavia a sua actualidade faz dele nosso contemporâneo pelo seu combate tranquilo norteado pela aspiração à efectiva concretização da ideia de Bem, mormente na articulação entre Democracia e Justiça. Com efeito, a Justiça não é uma simples ideia, é, como escreveu, “o fim digno da liberdade”²³ e esta o único meio de a alcançar²⁴. Num aprofundamento reflexivo em torno da Justiça, Saraiva irá considerá-la como a “expressão moral da Autoridade”²⁵ e por esta razão, a política terá de se inspirar na ética, seguramente para que sempre prevaleça a equidade. Ora, se bem atentarmos, à política alicerçada na Liberdade e na Justiça chamamos Democracia, à qual luminosamente Saraiva dedica as últimas páginas do seu livro *Reflexões sobre o Homem*, obra de pensamento ético-político que merece divulgação, apesar de inacabada, mas obra de pensamento autónomo e singular no âmbito da nossa literatura de ideias.

Considerando os limites definidos para este tipo de comunicação cabe ainda referir que para Augusto Saraiva, a Democracia “tende a colocar a política no mesmo plano da moral”²⁶, entendendo-a como uma “espécie de pedagogia política”²⁷ e um “sentido de vida”²⁸. Nesta linha de pensamento o filósofo após considerar que a Liberdade é a primeira condição da Democracia nos aponta a Igualdade como o mais decisivo sentido da vida²⁹, o que nos leva ao encontro da ideia de Justiça configurando-se como equidade, afinal, a “igualdade possível”³⁰, reiterando a dimensão ética da Democracia, quer como forma de vida, quer como compromisso moral, sublinhando a exigência da Justiça em que, afinal, se traduzirá a autêntica moralização do

²³ Id., *ibid.*, p.223.

²⁴ Id., *ibid.*

²⁵ Id., *ibid.*

²⁶ Id., *ibid.*, p.272.

²⁷ Id., *ibid.*, p.273.

²⁸ Id., *ibid.*, p.275.

²⁹ Id., *ibid.*

³⁰ Id., *ibid.*

Estado. Mas como concretizar esta tarefa difícil e sublime, em prol de uma política humanista? Nas páginas finais do seu livro, Augusto Saraiva aponta o caminho que, em síntese, dependerá de três factores – “evolução económica, pela supressão da tutela do homem sobre o homem; evolução técnica, pela vitória do homem sobre o binário espaço-tempo e evolução espiritual, pelo domínio do homem sobre as suas próprias limitações humanas”³¹, são as suas palavras, via que não sendo inovadora, é o caminho inexorável para atingir a experiência da autêntica Democracia enquanto, como escreveu, “universal aspiração à Cultura, à Liberdade e à Justiça”³².

De modo sucinto julgamos ter destacado as facetas mais significativas do pensamento de Augusto Saraiva, onde a problemática política ocupa lugar central. Prometeu-nos um outro volume onde se debruçaria acerca da Arte, da História e do Homem, porém não chegou a publicá-lo. Não obstante, o seu itinerário intelectual está aureolado de esperança e de utopia realizável, apesar de tudo fica-nos um sério convite e um apelo para que o ideal democrático explicitamente caracterize o significado do progresso humano em prol de uma existência livre, justa e fraterna ao ritmo inadiável da Dignidade.

Luís de Araújo

³¹ Id., *ibid.*, p. 279.

³² Id., *ibid.*, p.285.

